

Em entrevista ao **Correio**, o professor Júlio Diniz fala sobre a fotobiografia dedicada a Paulo César Pinheiro, um dos mais inspirados letristas da música popular brasileira

» SEVERINO FRANCISCO

“Portela/Eu nunca vi coisa mais bela/Quando ela pisa na passarela/E vai entrando na avenida/E ecoa noite e dia/E ensurdecedor/Ai, mas que agonia/O canto do trabalhador/Esse canto que devia/Ser um canto de agonia/Soa apenas como um soluçar de dor/Quando eu morrer/Me enterra na Lapinha/Calça culote paletó almofadinha.” Esses são versos de Portela na avenida, Canto das três raças e Lapinha, sambas memoráveis de Paulo César Pinheiro, um dos mais inspirados poetas da canção popular brasileira, que ganha, agora, uma fotobiografia, organizada por Júlio Diniz: O poeta de todos nós (Ed.Numa).

Paulo César é um operário da poesia, que se destaca mesmo na constelação de poetas da música popular brasileira, que tem Vinícius de Moraes, Capinam, Aldir Blanc, Guilherme Brito, Nelson Cavaquinho, Cartola. Compôs mais de 2 mil canções, em parcerias que vão de Pixiguinha até Lenine, passando por Tom Jobim, Baden Powell, João Nogueira, Mauro Duarte, Dori Caymmi, Francis Hime, Toquinho, Sueli Costa, entre tantos outros.

Poeta, cronista, romancista, letrista e compositor, Paulo César é um dos mais sensíveis intérpretes da alma popular brasileira. A fotobiografia reúne flagrantes de Paulo com os parceiros, imagens da infância, depoimentos (Lenine, Francis Hime, Maria Bethânia, Ivan Lins) e minibiografia por Conceição Campos. E, nesta entrevista, Júlio Diniz, professor da PUC-RJ, organizador da fotobiografia, fala sobre o projeto, a mestria de Paulo César Pinheiro, os parceiros e o lugar do poeta na música popular brasileira.

“

Para esse Brasil que a gente guardou, que prometeram à gente, e não cumpriram, para esse Brasil é que a gente faz música. A gente faz música para esse rio que a gente viu, o Rio Amazonas que a gente viu, a gente faz música para ele. A gente faz música para as coisas bonitas que o Brasil tem e deixou no peito da gente, cravado.”

Paulo César Pinheiro

ENTREVISTA//Júlio Diniz

Como construiu a fotobiografia de Paulo César e que momentos considera preciosas na montagem de imagens, fotos, poemas e depoimentos sobre o compositor?

A ideia, proposta e autoria do livro são minhas, mas a realização é de uma equipe. Não se faz um livro hoje em dia de uma personagem tão importante para a nossa cultura como é Paulo César Pinheiro, sem o apoio de outros pesquisadores e colaboradores. O projeto gráfico é da Dupla Design, referência de qualidade e originalidade, com a inestimável ajuda da Adriana Maciel, Ana Basbaum, Ana Rabello e Rodrigo Alzuguir, além de Conceição Campos, autora da biografia A Letra Brasileira de Paulo Cesar Pinheiro. Não tenho nenhuma predileção explícita, o produto final me agrada, e muito! Sempre privilégio o diálogo entre o texto e a imagem, um atravessamento de linguagens artísticas que parecem estar em constante movimento. A noção de parceria, em particular no campo das artes, tem sofrido constantes modificações. Realizar um projeto que envolve distintas mãos não se resume a uma soma de esforços e busca de complemento. Mais do que isso, a necessária comunhão entre o texto e a fotografia reforça a integração entre forma e conteúdo, grafismo e imagem. Há uma tradição de diálogo já firmada entre o livro e as artes visuais, em especial a fotografia. As imagens selecionadas para o livro, no meio de inúmeras possibilidades de escolha, não são meras ilustrações do texto, representam um único campo de sentidos, afetos e sensações.

Paulo César revelou a alma brasileira como poucos na poesia das canções que criou com parceiros. A que atribui esse conhecimento tão profundo da alma brasileira pelo poeta?

Como eu digo no livro, a educação sentimental/emocional do nosso poeta passou por três espaços de formação e sociabilidade, três grandes e poderosas metáforas: a biblioteca (livros, textos, escritos, leitura, escutas, arquivos, acervos); a rua (incluindo aí cidades, praças, botecos, morros, terreiros, quadras das escolas de samba e tudo mais relacionado ao convívio social); e as viagens (pelos quatro cantos do país e pelas esquinas do mundo). Os três elementos metafóricos que formam e dão rumo, ao nosso ver, à visão e aos valores da vida e da arte de Paulo César Pinheiro — a biblioteca, a rua e as viagens — não estão nunca separados, convivem mutuamente, são entrecortados e atravessados pelas suas distintas expressões artísticas — literatura e música. O lugar de encontro de tudo que o poeta cria é a paixão, em

particular, pelo Brasil. Ele incorpora a alma brasileira, com suas diversidades, sotaques e maneiras de existir.

Na fotobiografia, Paulo César aparece, bem novo, em foto, ao lado de Clara Nunes, e de Vinícius de Moraes. Vinícius foi o primeiro grande poeta do modernismo que debandou para a canção popular. É possível afirmar que Paulo César pertence a essa linhagem?

Acho que Vinícius não debandou para a canção popular, apenas abriu uma possibilidade muito mais popular e rápida de tocar as pessoas com a sua incrível poesia, sem nunca a deixar de lado. Assim é Paulinho, um gigante da poesia escrita, falada e cantada. O seu processo de criação é dinâmico, diversificado e com vida própria, como ele mesmo brinca. As letras chamam a melodia, as palavras esperam o momento certo de ocupar as frases, os versos ficam em suspensão aguardando a dança das estrofes. Poeta, letrista, compositor, romancista, contista, cronista...o que esperar mais desse criador?

O coração dele é o mapa do Brasil, afirma alguém na fotobiografia. Por que Paulo César consegue falar, não apenas do Rio de Janeiro, mas também de outras regiões do Brasil com tanta pertinência e inspiração?

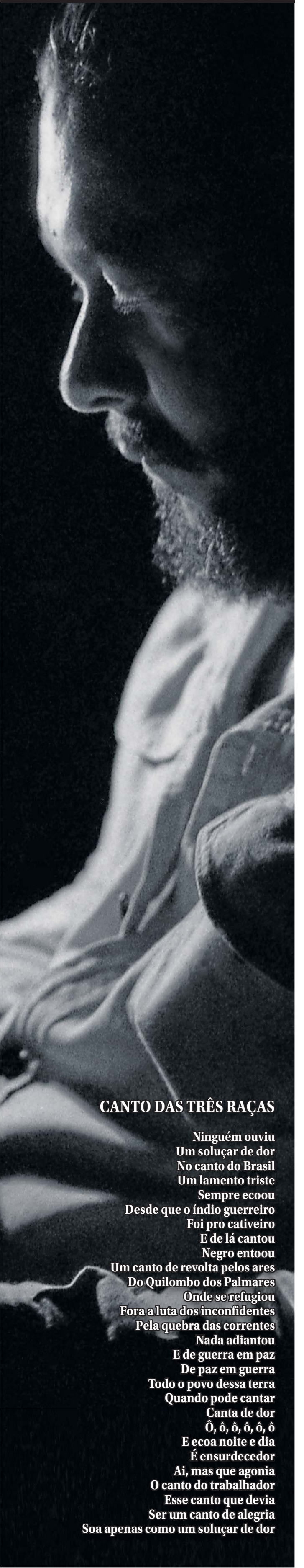
Quem afirma isso é a Luciana Rabello, parceira e companheira de toda uma vida, e ela tem razão. O coração do Paulinho é o mapa do Brasil. Ele fala não só do Rio de Janeiro, sua cidade natal, como também de lugares que ele conheceu pessoalmente e/ou pelos livros, imagens e narrativas. A sensibilidade dele para a diversidade, a multiplicidade e o respeito pelas diferenças geográficas, culturais, artísticas e humanas é incrível. Em certas canções ou poemas ele é mineiro, pernambucano, amazense, gaúcho...e por aí vai.

É verdade que Paulo César compôs mais de 2 mil canções? Quais os principais parceiros e o que eles dizem sobre ele?

Inventariar a sua produção é uma tarefa de enorme complexidade. É verdade, sim. São inúmeros parceiros, a nobreza do Brasil musical, de Pixiguinha às novíssimas gerações. Principais parceiros? Todos e todas.

Com você vê o lugar de Paulo César Pinheiro no olimpo dos grandes poetas da canção brasileira?

Antes de tudo, como diz a Luciana, e até pela sua própria história de vida, Paulinho é um operário, e sempre o foi. Um operário das palavras e dos sons. Senhor de frases impactantes, estrofes perfeitas e acordes que seduzem quem admira a potência da vida. O Olimpo não é o lugar de operários. O Brasil, sim.



CANTO DAS TRÊS RAÇAS

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou
Negro entou
Um canto de revolta pelos ares
Do Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou
E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor
Ô, ô, ô, ô, ô, ô
E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas como um soluçar de dor